PRODUZIR

MENOS ESTADO, MAIS AUDÁCIA

GUSTAVO DINIZ JUNQUEIRA
Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

O BRASIL ainda é um dos países mais fechados do comércio mundial, com uma das tarifas médias de importação mais altas do Planeta. Isso torna o setor produtivo nacional pouco inovador e de baixa competitividade.

Não à toa, a participação do País nas exportações globais representa pouco mais de 1%. Além disso, as vendas externas são escoradas, salvo exceções, em *commodities*. No caso dos produtos agrícolas, o cenário é menos desfavorável. O agronegócio já inova há bastante tempo – hoje, uma semente de soja tem mais tecnologia do que um semicondutor de *smartphone*.

Um dos grandes desafios do Brasil, hoje protagonista em produção e exportação de matérias-primas, é deixar de ser coadjuvante na competição por mercados de produtos de maior valor agregado, o que afeta negativamente a percepção de liderança e qualidade do produto "*made in Brazil*" pelo consumidor internacional.

A competitividade atual, fundamentada em custos e ampla oferta de mão de obra, está desaparecendo a cada dia. É a diferenciação que garantirá a liderança do agro brasileiro na conquista de novos mercados e clientes internacionais.

Uma pauta exportadora sofisticada e produzida sob a égide do tripé da sustentabilidade (econômico, social e ambiental) e da inovação será o divisor de águas para o futuro. Ao instigar o processo de inovação constante em todas as etapas das cadeias produtivas, a geração de riqueza será ainda mais robusta e consistente.

No Brasil, ainda estamos no estágio de proteção incondicional de conceitos ultrapassados, baseados em subsídios, que condenam o parque fabril nacional à defasagem tecnológica e, por consequência, mercadológica. Porém, é preciso agir direto na causa; caso contrário, o círculo vicioso nunca se encerrará.

O agronegócio não defende acabar, de uma hora para outra, com os subsidiados e as proteções a determinados setores da nossa economia. Contudo, é preciso tirar as rodinhas que mantêm a "velha bicicleta" de pé para que o País quebre paradigmas.

O agro brasileiro não está imune à concorrência global, que vem melhorando custos de produção e sua competitividade rapidamente. Quem afrouxar o esforço de evoluir constantemente está fadado a ficar na mão do Estado. O agro não pode fiar-se na tese de que o modelo de crédito oficial existente é sustentável. Por isso, é inconteste que a atividade agrícola prepare-se para diversificar as fontes para captação de recursos financeiros e modernizar seus mecanismos de comércio.

O agronegócio é um grande motor do Brasil, mas ainda estamos distantes de sermos referência mundial em produção de alimentos para consumo final. Devemos reconhecer os avanços alcançados, mas precisamos definir novas metas e fomentar a audácia dos empreendedores para ganharmos o comércio internacional. Somos bons, mas podemos e devemos ser melhores.

Nenhum acordo comercial pode resolver o problema de competitividade do Brasil. A solução passa pela inovação contínua do setor privado e, principalmente, do Estado, que ainda não despertou para o fato de estarmos no século XXI. Não existe espaço para inovação sem profundas reformas estruturais, diminuição da presença do Estado e total e irrestrito apoio à livre iniciativa.

Sem dúvida, nosso futuro requer um novo modelo de desenvolvimento. ■

